

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

CLAUDINETE DOS SANTOS

**AFETIVIDADE E LIMITES: EQUILÍBRIO NECESSÁRIO NA EDUCAÇÃO
ESCOLAR**

**Aracaju – SE
2018**

CLAUDINETE DOS SANTOS

AFETIVIDADE E LIMITES: EQUILÍBRIO NECESSÁRIO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a.Dr^a Maria Aparecida Souza Couto

**Aracaju – SE
2018**

AFETIVIDADE E LIMITES: EQUILÍBRIO NECESSÁRIO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Prof. Esp. Williams dos Santos

Coordenador do Curso

Dr^a. Maria Aparecida Souza Couto

Orientadora

Avaliador

Avaliador

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____/____/____

AFETIVIDADE E LIMITES: EQUILÍBRIO NECESSÁRIO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

* Claudinete Dos Santos¹

RESUMO

O presente estudo tem como tema a afetividade no ambiente escolar e os limites estabelecidos na sala de aula, busca desvendar o olhar do professor acerca do tema. Procura ressaltar a importância desse tema na educação escolarizada desde a infância. Elege como objetivo geral analisar como é cultivada a afetividade no 2º ano da educação fundamental sem que os professores renunciem aos limites. A metodologia utilizada lançou mão da abordagem de cunho qualitativo do tipo estudo de caso de caráter descritivo, tendo na pesquisa bibliográfica suporte fundamental à ampliação do conhecimento, além das técnicas de observação sistemática e aplicação de questionário aos sujeitos da pesquisa. Obteve-se como resultado que a afetividade está presente no ambiente escolar atuando como facilitador do processo educativo, trata-se de aspecto a ser trabalhado pela escola e deve ser construído nas ações cotidianas, nunca imposto, porém sempre lembrado. Conclui-se que o emprego de limites nas práticas educativas escolares não significa deixar de ser afetivo.

Palavras-chave: Afetividade.Limites.Relação Professor/Aluno.

ABSTRACT

The present study has as its theme the affectivity in the school environment and the limits established in the classroom, seeks to unveil the teacher's view about the theme. It seeks to emphasize the importance of this theme in school education since childhood. It elects as a general objective to analyze how the affectivity is cultivated in the second year of basic education without the teachers' resignation to the limits. The methodology used the qualitative approach of the descriptive character case study, having in the bibliographical research fundamental support to the expansion of knowledge, besides the techniques of systematic observation and application of questionnaire to the subjects of the research. It was obtained as a result that the affectivity is present in the school environment acting as facilitator of the educational process, it is an aspect to be worked by the school and must be built in everyday actions, never imposed, but always remembered. It is concluded that the use of limits in school educational practices does not mean not to be affective.

Palavras-chave: Affectivity.Limits.Relation Teacher / Student

* Aluna do curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade Amadeus.

1 INTRODUÇÃO

O foco deste estudo vai além da inquietação de tentar entender o que é a afetividade e os limites ou como são utilizados na educação fundamental e o que pensam os educadores sobre o tema. A intenção principal é averiguar como os professores trabalham o aspecto afetivo das crianças sem renunciar os limites.

A motivação para fazer essa pesquisa surgiu a partir das aulas de Psicologia da Educação cursadas no 3º período do curso de Pedagogia, no primeiro semestre de 2016. Oportunidade em que se desenvolveu o estudo sobre a afetividade na construção da aprendizagem do indivíduo, chamando a atenção para como o afeto nos processos de educação pode ajudar, ou a sua ausência, atrapalhar o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Neste sentido Oliveira(1992),nos alerta:

As dimensões cognitivas e afetiva do funcionamento psicológico têm sido tratadas, ao longo da história da psicologia como ciência, de forma separada, correspondendo a diferentes tradições dentro dessa disciplina. Atualmente, no entanto, percebe-se uma tendência de reunião desses dois aspectos, numa tentativa de recomposição do ser psicológico completo(OLIVEIRA, 1992, p. 75).

As dimensões afetivas e cognitivas eram tratadas de forma individual na qual uma estava dissociada da outra. O indivíduo era pensado de forma separada onde o afetivo era posto de lado dentro do processo educativo. Atualmente há a necessidade de pensar o ser de forma mais ampla e completa para que tenha maior e melhor resultado no seu desenvolvimento. Essa tendência preocupa-se exatamente com a integração desses dois campos, o afetivo e o intelectual, pensando no ser em sua totalidade e não de forma fragmentada. Ao considerar tanto os aspectos afetivos quanto os cognitivos, já que ambos são indissociáveis, compreende-se que a conquista em um campo influencia o outro e são de grande relevância na aprendizagem do indivíduo.

No que se refere ao papel do aspecto afetivo na aprendizagem, Rossini(2001) diz que para a aprendizagem acontecer de forma afetiva, é preciso que haja estímulos internos e externos, pois, o sujeito sofre interferências do meio em que vive. Sendo assim, um ambiente onde tem um vínculo afetivo, a aprendizagem flui de forma prazerosa, real e espontânea.

Um outro foco que será tratado neste trabalho que é bem recorrente nos dias atuais, refere-se aos limites. Limites esses que preparam o sujeito para a vida em sociedade, tornando-o capaz de respeitar e seguir regras para viver em harmonia com os demais. Para isso é importante que desde cedo tais limites sejam apresentados aos alunos através da expressão de regras claras para boa convivência e sejam explicadas para eles, compreendida e praticada, assim eles terão consciência de que dentro da sociedade os cidadãos têm regras a seguirem, direitos e deveres a cumprirem.

Estes limites devem ser ensinados as crianças desde a sua formação educacional no âmbito familiar. Entretanto, muitas vezes não existe no ambiente familiar a compreensão de que educar também pressupõe o emprego de limites. Esta percepção, por vezes, invade o ambiente escolar, sendo colocada em segundo plano por parte de alguns professores, que tendem a confundir a afetividade com deixar a criança fazer o que quiser.

De modo análogo, a afetividade é tão importante quanto os limites, pois os limites fazem parte da educação e preparam os sujeitos para viverem em sociedade, a conviver, respeitar regras e viver em harmonia com os outros. É algo importante no âmbito educativo, pois de acordo com o que fala La Taille(2000), a ausência total de limites pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem. Sendo assim, os limites devem estar sempre presentes no processo educativo para que os alunos entendam que os limites(neste estudo, compreendido como cumprimento às regras que regulam a vida dos sujeitos em sociedade) devem fazer parte da nossa vida em termos de coletividade; coletividade essa que exige o cumprimento e respeito de regras para que todos vivam de forma harmônica, de maneira a evitar que o caos não se instale.

Segundo Rossini(2001), é na infância que é formada a base da vida adulta, e são incorporados os limites, quanto mais cedo estabelecer os limites melhor para a formação cidadã dos sujeitos. Portanto, a infância é a fase da descoberta, da formação para a vida adulta, ou seja, se na infância as crianças aprenderem a respeitar limites e entenderem que a sociedade tem regras, elas se tornarão um adulto que sabe respeitar regras e tem uma boa convivência e contribuirão para uma sociedade melhor. Os adolescentes já têm grande parte dos conceitos que utilizarão na vida adulta sedimentados, tornando mais difícil a tarefa

de incorporar e respeitar os limites, por isso a infância é a etapa melhor de serem trabalhados os limites.

A linha tênue que por vezes separa limites e afetividade nas interações que ocorrem no ambiente escolar entre professores e alunos nos leva a questionar: Como educar mantendo o equilíbrio entre a afetividade e os limites no ensino fundamental menor? Qual a relevância de investigar limites e afetividade na sociedade moderna? Como os limites são trabalhados com as crianças nos anos iniciais de ensino?

Diante do exposto, elenca-se como objetivo geral analisar como é cultivada a afetividade numa classe do 2º ano da educação fundamental sem que os professores renunciem dos limites. Os objetivos específicos listados são: verificar como os limites são estabelecidos na educação fundamental; desvendar as percepções dos professores sobre a relação afetividade, limites e educação escolarizada; analisar como os professores trabalham com os alunos a afetividade na relação professor-aluno; investigar as estratégias utilizadas pelos professores para manter o equilíbrio entre a afetividade e os limites em sala de aula e averiguar como são trabalhados os limites na sala de aula. A intencionalidade deste estudo apoia-se em investigar como professores da educação fundamental, trabalham pedagogicamente o aspecto afetivo das crianças sem renunciar aos limites.

Na sociedade em que vivemos, onde a criança passa mais tempo fora do ambiente familiar, diversas conformações de família, valores diferentes, torna-se importante e fundamental trabalhar os limites na escola e é papel da educação escolar colocar limites, ou muitas das vezes impô-los para que não haja a formação de sujeitos incapazes de respeitá-los e segui-los para viver em sociedade. Pois crianças que são incapazes de seguir as regras, tendem a ser adultos que têm as próprias regras dentro da sociedade, fazendo o que bem querem ou entendem, causando um caos social. Contudo, trabalhar os limites na educação escolar não quer dizer que se deve abdicar da afetividade na sala de aula e muito menos na esperada relação harmoniosa que deve ser estabelecida entre professor e aluno.

Neste sentido, objetivando buscar possíveis respostas ao problema elencado, desenvolveu-se uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso de caráter descritivo, com amplo suporte bibliográfico, utilizando-se como técnica de pesquisa, a observação sistemática e a aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada. Trata-se de uma pesquisa descritiva pois será feita uma descrição

da realidade encontrada a partir dos discursos dos entrevistados. A abordagem de cunho qualitativo apresenta-se como a mais adequada à investigação desde quando, de acordo com Guerra(2014),

[...] a pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto. Para tal, ele parte de um marco teórico-metodológico preestabelecido, para em seguida preparar seus instrumentos de coleta de dados, que se bem elaborados e bem aplicados fornecerão uma riqueza ímpar ao pesquisador. De posse desses dados, resta analisá-los a partir de suas categorias analíticas, e assim proceder a uma discussão dos resultados de sua pesquisa (GUERRA, 2014, p.15).

Sendo assim, este trabalho é de abordagem qualitativa, pois visa a coleta de dados não quantitativos e propõe-se a identificar os sentidos e significados que os professores conferem à afetividade e aos limites na formação do indivíduo. Debruça-se a analisar como é cultivada a afetividade em duas turmas do 2º ano da educação fundamental, buscando observar como agem os professores, de maneira a que não renunciem à imposição dos limites. Os dados coletados serão analisados mediando o marco teórico-metodológico adotado e a realidade empírica desses dados.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: a entrevista semiestruturada e a observação sistematizada, tendo por foco acompanhar no cotidiano escolar a interação entre professor e aluno, na tentativa de acompanhar situações rotineiras, de modo a verificar como os alunos lidam com os limites. A coleta de dados utilizou a entrevista semiestruturada, pois, segundo Guerra(2014), a entrevista semiestruturada estrutura-se a partir de perguntas fechadas, mas possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de discorrer mais livremente sobre o tema proposto.

A entrevista segundo Minayo(2008),“tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo” (MINAYO, 2008 apud GUERRA, 2014, p. 18).

O campo empírico de desenvolvimento da pesquisa foram duas escolas do município de São Cristóvão/Sergipe, que serão doravante denominadas com o nome fictício de Escola L. G. e Escola F. F. para proteger as identidades dos sujeitos que compõem as unidades de ensino em análise. A escola L. G. fica localizada em um pequeno bairro próximo ao centro da cidade de São Cristóvão, atende aos anos

iniciais do ensino fundamental. Os alunos acolhidos são moradores dos povoados próximos e bairro onde está localizada a escola. O prédio da escola L.G. é grande, arejado, bem iluminado, possui cinco salas, uma secretaria, uma diretoria, uma sala de professores, uma cozinha, banheiros masculinos e femininos, uma área ampla para as crianças brincarem e uma área externa. Os professores são concursados, alguns têm muitos anos de magistério e outros têm em média dez anos de atuação.

A escola F. F está localizada no centro de São Cristóvão, atende também aos anos iniciais do ensino fundamental. Os alunos atendidos são os do centro e dos bairros próximos; é de menor dimensão que a L. G, possui cinco salas, uma diretoria, uma sala de professoras, uma cozinha, banheiros masculinos e femininos, uma pequena área e uma área externa. Os professores são concursados e tem muitos anos de magistérios, muitos já estão próximo da aposentadoria.

Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras do 2º ano do ensino fundamental. A professora LTSO trabalha na escola F.F, é professora do município, tem 50 anos de idade, atua a 31 anos no magistério, é licenciada em Pedagogia e em História, nestes 31 anos sempre atuou como professora. Tem dois filhos já adultos. A professora IOR trabalha na escola L.G, é professora do estado, atua no município de São Cristóvão, tem 39 anos de idade, atua a 12 anos no magistério, é licenciada em Pedagogia e pós-graduada em Comunicação Educacional, nestes 12 anos sempre atuou como professora. Não tem filhos só um sobrinho pequeno.

Observou-se uma turma de cada escola no horário da manhã, para que pudesse verificar como são vivenciadas as situações em que ocorrem a afetividade e os limites na prática educativa, bem como analisar como é mantida a afetividade na educação fundamental sem que renuncie aos limites. As observações aconteceram nos meses de setembro e outubro do corrente ano, nas respectivas escolas, nos horários das 07h00 às 11h00 da manhã, nos dias de terça-feira e quarta-feira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

É inegável que em um ambiente onde o afeto se faz presente temos prazer e vontade de estar e participar cada vez mais. Na educação não é diferente, o afeto não deve ser apenas o contato e o carinho empregados pelo professor ao aluno, mas sim a dedicação e atenção dispostas ao aluno no ambiente escolar,

mostrando-se cada vez mais preocupado e interessado com a sua aprendizagem, tornando esse processo mais prazeroso.

A afetividade, de acordo com Andrade(2014) compreende as vivências e as formas de expressão mais complexas e humanas que torna possível a transformação da emoção em sentimentos, bem como a representação correspondente no plano interno, causando interferência e avanço da atividade cognitiva. Neste sentido, Andrade(2014) defende que os aspectos afetivos não se restringem apenas ao contato físico e ao contato face-a-face entre professor e aluno, podem corresponder também ao apoio concedido ao aluno durante as atividades pedagógicas propostas, à atenção dada às dificuldades e capacidades dos alunos, ao esclarecimento das dúvidas dos discentes, ao respeito entre professor e aluno, ao comportamento do professor frente ao elogio e esforço do aluno, ao planejar as atividades não vise apenas que os alunos aprendam, mas que gostem do conteúdo. Sendo assim, é possível verificar que o aspecto afetivo na educação vai bem mais além do contato e dos elogios.

A afetividade e a inteligência são indissociáveis. Na escola é preciso que haja possibilidades do aspecto afetivo da criança florescer e ganhar espaço, pois se o seu lado afetivo estiver comprometido suas ações não serão produtivas e haverá rejeições e comprometimento no seu desenvolvimento intelectual. Neste sentido, Rossini (2001), em sua obra *Pedagogia Afetiva*, traz a seguinte afirmação ao se referir à educação de crianças: “Ele pode ter um quociente intelectual (QI) altíssimo, porém, se o seu sentir estiver comprometido ou bloqueado, a sua ação não será energizante, forte, eficaz, produtiva” (ROSSINI, 2001, p. 15).

Neste sentido, resta claro que para que haja o desenvolvimento intelectual satisfatório, o ensino deve acontecer em ambiente afetivamente adequado, de forma prazerosa, pois quando o que aprendemos nos interessa e temos prazer no que aprendemos, acontece de forma espontânea e desperta a vontade de buscar cada vez mais conhecimento.

Que o afetivo está ligado ao desenvolvimento intelectual é um fato inegável,mas não é atribuído determinado valor a esse fato, conforme enfatiza De Paula(2010,p. 3), “podemos perceber, vivenciando o assunto, que na maioria das unidades escolares não ocorre à afetividade, pois o aluno é visto como mero objeto de aprendizado, ou seja, um ‘lugar’ onde o conteúdo deve ser depositado”. De modo geral, gestores e profissionais do ensino, visam o aluno apenas como um depósito

de conhecimento, deixando o afetivo de lado, contestando o seu valor e sua importância no desenvolvimento intelectual da criança, tornando esse processo mecânico, chato, sem motivação e sem prazer algum.

Quando o professor está feliz naquilo que realiza, consegue contagiar os alunos conforme fala De Paula(2010, p. 3),“assim como o aluno precisa aprender a ser feliz e descobrir o prazer de aprender, nós educadores temos o dever de sermos felizes e de transmitir tal felicidade para que contagiemos os nossos educandos”. Sendo assim o aluno precisa ser pensado em sua totalidade como um ser que precisa de afeto para que se desenvolva cognitivamente e não apenas como um depósito de conteúdos.

A afetividade não proporciona apenas o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, ela proporciona também, segundo Zeni(2012), a construção de limites, que é a barreira normativa criada e muitas vezes imposta, que deve ser obedecida, capaz de estabelecer meios de convivência harmônica e preparar o indivíduo para viver em sociedade e para que a criança tenha uma “vida boa” nesta sociedade de constantes mudanças.

Limites esses que La Taille(2002, p.145 apud Lopes 2011, p.14) define em três dimensões:

- 1- como aquilo que não pode ser transposto, seja para atingir a maturidade, seja para caminhar em direção a excelência em alguns campos de atuação e conduta;
- 2- como aquilo que deve ser respeitado, não transposto, seja para viver bem, seja para deixar os outros viverem;
- 3- também pode remeter à fronteira da intimidade, ou seja, ao controle do acesso dos outros à nossa pessoa.

Diante do exposto, o presente trabalho irá focar na 2ª dimensão, os limites em seu sentido mais conhecido, ou seja, o restritivo. Nele o limite deve ser respeitado para que não nos prejudiquemos e nem aos outros, pois as regras devem ser cumpridas e respeitadas de maneira a que a convivência social ocorra de maneira harmônica, capaz de contribuir para o desenvolvimento da criança e o bem-estar dos que a rodeiam.

Limites esses, capazes de favorecer a boa convivência com os demais em sociedade. Na escola não é diferente. Por ser um ambiente de convivência entre crianças com educação familiar específica, organizado de diferentes maneiras e formas de pensar, sendo assim os limites em seu sentido normativo se fazem de

extrema importância, pois é na escola que ocorrerá a educação formal voltada para a convivência numa organização social maior que a célula familiar. Por conseguinte, regular e definir os limites neste ambiente é essencial para manter a boa convivência e evitar conflitos entre as crianças e para que elas aprendam que os diferentes ambientes e a sociedade como um todo, possuem normas, normas essas que precisam ser respeitadas e seguidas por todos, pois as crianças que sabem respeitar as regras na escola não sentirão tanta dificuldade de se portar perante a sociedade.

Em relação aos limites como caráter restritivo, Zeni(2012,p.24) nos traz a seguinte afirmação:“podemos dizer então que a existência de alguns limites restritivos faz parte da “vida boa”, mais ainda são necessários para que se alcance essa vida, e, cabe à educação ajudar as crianças a construir e a valorizar estes limites”.

Se cabe à educação ajudar essa criança a construir e valorizar esses limites, pressupõe-se que deva acontecer um trabalho conjunto entre a escola e a família, pois esta muitas vezes impõe bem menos limites do que deveria, deixando a tarefa para a escola. Essa não imposição de limites, de acordo com o que defende La Taille(2000), é uma prova de humildade como de descompromisso com os filhos e com o futuro da sociedade, pois essa criança se tornará um adulto praticamente sem noções claras de limites e passará essa ideia para seus filhos. Deve-se esclarecer que, não é que devam ser impostos mil e um limites, tanto na escola quanto na família, até porque isso seria a volta de uma educação puramente restritiva, segundo La Taille(2000), seria um triste retrocesso, mas defende-se sim, um pouco de consciência e preocupação com a humanidade. Se para as famílias é difícil construir e valorizar os limites, imagine para a escola que recebe dezenas de crianças com vivências, experiências e culturas diferentes. Sem o apoio da família essa tarefa se torna praticamente impossível. Portanto, o papel da escola será o de ajudar a consolidar a ideia de limites, contudo a família tem que se fazer presente, voltando-se para essa questão de maneira que se opere um trabalho conjunto, ou seja uma relação harmoniosa e equilibrada em prol da formação humana voltada para o bem viver em sociedade.

Portanto, os limites devem estar presentes na escola, mas não é uma função exclusiva da escola, pois a educação não se restringe apenas a ensinar regras, a impor limites. A sua colocação é inevitável e necessária na escola, mas

não, reitera-se, como sua tarefa exclusiva. A família tem que ter conhecimento do seu papel no que diz respeito à colocação de limites e imposição dos mesmos, levando a criança a tomar conhecimento da existência de regras para viver na sociedade e nos diferentes ambientes frequentados por elas. Assim, os alunos devem familiarizar-se com as regras e o porquê delas e entender que se todos decidirem viver e fazer suas próprias regras, instalar-se-á um caos social. Instalando-se, segundo La Taille(2000), um estado selvagem onde cada um vive conforme suas próprias regras.

A criança não tem a capacidade maturacional de dominar os seus desejos, então cabe aos adultos, aos educadores e pais lhe imporem limites que controlem seus desejos, coloquem regras claras e proibições para formar cidadãos conscientes de seus deveres, sujeitos maduros e equilibrados. Neste sentido, a punição é uma estratégia que ajuda na imposição de limites para que a criança perceba que violou tal limite que deveria ser respeitado por todos. Ela serve para que a criança perceba que ultrapassou demarcações previamente definidas, se ela não for apenas será perdido o valor do limite(regra). Então, cabe ao professor, ou aos pais, aplicar a sanção adequada à transposição do limite. Registre-se que a ideia de punir aqui defendida, não está apoiada nos castigos físicos, mas sim numa ideia de repreensão verbal associada ao toque físico afetivo e palavras de correção incentivadoras do diálogo e da reflexão sobre o limite transgredido. Isto porque, quando não ocorre a punição, o limite deixa de parecer inviolável e perde o valor para o transgressor.

Há também limites segundo Zeni(2012), no sentido de barreiras que devem ser transpostas para que a criança cresça, torne-se madura, responsável. São aqueles que servem como um trampolim para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Esses limites trazidos por Zeni são os medos e as dificuldades que as crianças apresentam. Podemos exemplificar aqui a dificuldade, a insegurança e o medo que a criança manifesta na hora de desenvolver determinada atividade. Neste tipo de situação, recomenda-se deixá-la desenvolver a situação ao seu modo e ir direcionando para que consiga ultrapassar esse limite e alargue seu potencial cognitivo. Ao assim proceder, contribui-se para que ela se torne uma criança mais segura e seu cognitivo irá amadurecer, evoluir. Quando o professor guia o aluno pelo melhor caminho ele está ali levando-o a transpor os limites cognitivos e, concomitantemente, lança mão de atitudes capazes de desenvolver o

aspecto afetivo de maneira que ele possa transgredir a barreira cognitiva e consiga desenvolver-se plenamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão, apresentaremos a análise dos dois questionários aplicados às professoras do 2º ano do ensino fundamental. As professoras responderam perguntas sobre como trabalham a afetividade e os limites na sala de aula com seus alunos. As respondentes são professoras há muitos anos no ensino fundamental menor. Uma atua há 12 anos e a outra há 31 anos, já atuaram e ainda atuam como professoras do 2º ano do ensino fundamental.

PROFESSOR	SEXO	IDADE	TEMPO DE SERVIÇO
LTSO	Feminino	50 anos	31 anos
IOR	Feminino	39 anos	12 anos

Ao serem questionadas sobre o que entendem por afetividade foram obtidas as seguintes respostas:

- Harmonia um com o outro. (LTSO)
- É estar próxima, ter carinho, enxergar o outro como um ser humano que tem sentimentos e agir pensando no outro e no sentimento do outro. (IOR)

Percebe-se aqui que as concepções de afetividades que as professoras têm são distintas uma da outra. E que a resposta da professora LTSO é bem vaga. Já IOR é bem mais completa, pois engloba o sentimento do indivíduo. Já que afetividade é segundo Andrade(2014), as vivências e as expressões mais complexas e humanas, as emoções e sentimentos internos do ser humano que causa interferência e avanço cognitivo.

Na opinião das professoras, a afetividade tem o seguinte papel na aprendizagem do aluno:

- A afetividade tem um papel essencial na relação professor/aluno e na aprendizagem, porque se não houver a afetividade o aluno não

vai gostar do professor e criara uma barreira para a aprendizagem. Ele só irá se interessar se tiver esse sentimento positivo pelo professor. (IOR)

- É importante para a criança aprender. (LTSO)

A afetividade é de grande importância na vida do indivíduo para que ele se desenvolva, pois se o indivíduo estiver feliz ele vai aprender e desenvolver bem suas atividades. E Rossini(2001), evidencia o fundamento da afetividade da seguinte forma:

Por que a afetividade? Porque é a fase da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isso vale para qualquer área da atividade humana, independentemente de idade, sexo e cultura(ROSSINI,2001,p.16).

Quando são questionadas se usam da afetividade como abordagem em sala de aula e de que forma, as respostas foram:

- Sim, quando eles têm dúvidas e vou e ajudo(LTSO).

- A afetividade acontece sempre através de elogios, do toque na cabeça, chegar perto dele e através do tom de voz quando conversa com aluno, sempre um tom que não seja agressivo. Acontece sim o chamar a atenção, a bronca, mas sempre explicando para que a criança se sinta importante, mesmo quando ela está sendo chamada a atenção(IOR).

É perceptível que para IOR a afetividade é importante e está presente em sua sala de aula, e que não está só ligado ao contato físico, mas também ao tom de voz, a criança é importante para ela. Já a resposta de LTSO leva-nos a pensar que a sua preocupação está em a criança aprender o conteúdo e a afetividade associada à ajuda prestada ao aluno no momento em que apresenta alguma dificuldade na compreensão do conteúdo.

Neste sentido, Andrade(2014), traz o pensamento que o professor deve pensar a criança como sujeito, visando sua formação social, intelectual e cultural, mas sempre considerando seus sentimentos, emoções e sensações. É perceptível na fala de IOR a consideração afetiva do aluno na escola. Já na LTSO não fica tão claro assim.

Ao serem questionadas se seus alunos são afetivamente carentes, a respostas delas foi “SIM”. Ao serem questionadas como elas identificam a carência afetiva, obteve-se as respostas a seguir:

- Em casa falta muito e principalmente o acompanhamento por parte dos pais. O comportamento dele torna-se agressivo e ela conversa com eles para tentar melhorar seu comportamento e se sinta acolhido (LTSO).

- Alguns alunos são afetivamente carentes, pois não gostam muito da proximidade. São agressivos quando o professor chega perto, não querem esse contato, se afastam, aparenta não está acostumado e rejeita(IOR).

É notável que muitas crianças não têm o afeto presente dentro dos seus lares, e muitas vezes a escola fica com esse papel. A criança rejeita qualquer demonstração de afeto até se acostumar com esse ambiente ou, por vezes, a criança se isola e isso acaba interferindo em sua aprendizagem.

Segundo De Paula(2010), a família é a base da vida do ser humano. Nela é que se aprende as noções de vida em sociedade e os seus primeiros conceitos de afeto, cultura, de carinhos e exemplos. Ainda conforme a mesma autora, se a criança não tem felicidade, afeto e carinho em casa, a escola é o melhor lugar para que lhe seja mostrada que existe. Então a família precisa ter em seu convívio esses conceitos bem definidos e presentes para que a criança, quando em idade escolar, entrar em contato não rejeite, estranhe ou se isole. Neste sentido, Rossini(2001,p. 15), apresenta em sua obra Pedagogia Afetiva, a seguinte afirmação: “a falta de afetividade leva a rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer”, evidenciando assim a importância do afeto para o desenvolvimento intelectual do aluno, uma vez que a falta deste, leva à não aceitação dos livros e à dificuldades na motivação do aluno para a aprendizagem dos conteúdos regulares que devem ser aprendidos no âmbito escolar.

Ao serem questionadas qual o ponto de vista das professoras em relação ao contato físico e se é mantido entre os alunos, as respostas foram:

- O contato físico é muito importante na relação professor/aluno, pois eles se sentem percebidos e acolhidos. Eu elogio muito os meus alunos e abraço, eles se sentem muito contentes (LTSO).

- Ao meu ponto de vista deve ser algo cuidadoso, pela questão da interpretação do aluno. Ela justifica da seguinte forma: “a gente vive

no momento muito difícil em relação a pedofilia e notícias constantes, então eu busco ser cuidadosa, sou afetuosa, mas com cuidado com a interpretação que a criança possa ter em relação ao contato físico, até porque possa ser que a criança passe por essa situação em casa” (IOR).

IOR toca em um assunto muito importante e que os professores devem estar atentos, pois as crianças estão suscetíveis a passar por essa situação, e sua rejeição ao toque, ao afeto, não está ligada somente à inexistência em seu ambiente familiar. Pois segundo Rossini (2001), devemos estar sempre atentos às características e aos fatos da nossa sociedade, lembrando que, quando recebemos uma criança à porta da sala de aula, além da mochila com o material, ela traz todas as impressões que vivenciou, assimiladas ou não, bem elaboradas ou não (Rossini, 2001, p.17). Isso não quer dizer que deve-se abrir mão do toque, mas sim uma certa cautela quando isso for feito e principalmente quando o vínculo afetivo está se iniciando e o professor ainda não conhece seu aluno.

Quando são questionadas se seus alunos sentem prazer em aprender e como elas identificam isso, as respostas foram:

- A maioria sim, isso é identificado na atenção no momento da explicação, eles mostram interesse em aprender mais, perguntam, interagem (LTSO).
- Quando ensino, noto o interesse do aluno em aprender. Eles sentem prazer em aprender, principalmente quando ele é elogiado quando aprende (IOR).

Todo aluno precisa aprender, o aluno aprende melhor e de forma prazerosa e participativa quando gosta do assunto e da forma como o conteúdo é ensinado. Quando a afetividade está presente e o aluno é pensado como um todo, formado por emoções, sensações e não como um mero objeto de aprendizado onde os conteúdos são depositados, ele aprende de forma prazerosa. Nesta perspectiva, Tiba(2006,p.132), afirma que “quando o professor prepara com cuidado o modo de transmitir os conteúdos, o aluno pode aprender por prazer.

Ao serem perguntadas sobre o conceito de limites para elas e qual a função que exercem no processo educativo, as respostas obtidas foram:

- É quando o aluno desobedece e o professor já não tolera mais ele e o retira da sala. Ele tem como função que ele entenda que tudo tem um limite. (LTSO)

-São essenciais principalmente para manter a organização na sala de aula, é saber o que fazer, principalmente quando trabalha com muitas crianças e diferente das rotinas que elas passam fora da escola, elas têm que saber o que fazer e o que não pode fazer. Essas regras devem ser estipuladas lembradas constantemente porque elas vão tentar quebrar essas regras, esses limites por vários motivos. (IOR)

Para LTSO os limites são até onde suporta, o ápice. Para IOR, são as regras. Fica claro aqui que LTSO não tem bem definido o conceito de limites o que pode dificultar a imposição dos mesmos em sala e a compreensão dos alunos em relação ao tema e a colocação das regras. Compreende-se limites não como castigo. Limites é ensinar as crianças que elas não podem fazer tudo que querem, que os ambientes têm regras e essas regras devem e precisam ser seguidas e respeitadas. Segundo La Taille(2000), a fixação de limites faz parte da educação, do processo civilizador, não há civilização sem repressão, sem restrições, sem limites. Uma vez que significa preparar o indivíduo para a vida, pois a ausência desta prática pode gerar uma crise de valores.

Por conseguinte, ao serem questionadas como são estabelecidos os limites no ambiente escolar, as respostas obtidas foram:

-No início do ano letivo são passados para eles e no decorrer das aulas também. (LTSO)

-Os limites são estabelecidos e explicados. Eles são levados a pensar o porquê do limite, o porquê da regra, qual importância. Assim eles irão entender. (IOR)

É inegável a importância dos limites na escola, pois é por meio destes que as crianças estarão sendo preparadas para conviver em sociedade, contudo esses limites não devem ser apenas impostos, devem ser explicados para que eles compreendam o porquê das regras e as possam seguir sem contestarem infundadamente. Portanto, conforme Zeni(2012) assevera, os limites devem ser marcados e explicados o porquê deles, e no dia a dia, junto com a criança, construir esses limites essenciais para o desenvolvimento e harmonia. Esses limites devem ser claros, firmes e serem cobrados todos os dias e de forma igual para todos, pois do que vale seguir regras propaladas pelos adultos se as crianças não compreendem os motivos e para que elas foram colocadas?

Ao serem questionadas se o uso da afetividade pode afetar os limites, as respostas foram:

-Sim, atrapalha, pois os outros alunos confundem a dosagem a mais de afeto como uma proteção, pois quando o aluno está “passando dos limites” eu tento me aproximar mais do aluno (LTSO).

-Não afeta, pois dar limites não significa não ser afetivo, dar limites é estabelecer regras claras que possam explicar para eles o porquê, pois uma regra não é em vão, todas tem seu objetivo. Tem que saber dosar, colocar os limites e continuar sendo afetivo (IOR).

De acordo com a resposta dada por LTSO, o afeto não pode ser utilizado no momento da repreensão, pois pode ser confundido com uma proteção por parte dos demais. Mais esse pensamento não pode existir, pois de acordo com o que traz Zeni(2012), o toque físico afetivo deve estar presente no momento de correção, a criança deve perceber o amor, o cuidado da outra pessoa, tornando assim mais fácil que a criança perceba que a atitude dela não foi legal, lembrá-la das coisas boas que devem ser feitas para evitar a ação errada. Dessa forma, ela será corrigida, receberá a atenção necessária e granjeará afeto mesmo na hora da correção.

Quando o limite é ultrapassado, é preciso mostrar para criança que ela o ultrapassou. Neste sentido, Rossini(2001), defende que esses limites devem ser mostrados, pois no pensamento da criança essa falta é codificada como uma falta de afeto e de amor. Essa criança muitas vezes tenta violar uma regra para ser percebida, notada, e se o professor não o repreender ou não o punir, pode ser interpretado como uma falta de atenção, de carinho ou afeto pelo aluno.

Ao serem perguntadas como é utilizado em sala de aula o aspecto afetivo sem afetar os limites, as respostas obtidas foram:

-Quando o aluno está “passando dos limites” eu tento me aproximar mais do aluno e o tratar com um pouco mais de afeto (LTSO).

-Dosando a colocação deles, tudo na medida. Colocar limite não quer dizer ser agressivo, e sim para que seja feita a organização do ambiente e para que tudo flua normalmente (IOR).

As respondentes afirmam que quando o aluno ultrapassa o limite não é preciso agir com agressividade, raiva, irritação. É preciso a correção, mas isso não quer dizer que é necessário “crucificar” o aluno. É preciso, de acordo com Zeni(2012), esperar a criança se acalmar e afetivamente corrigir, tratar, conversar e

redirecionar, agir com amor. Deve-se fazê-la compreender que errou e que não pode tornar a acontecer, para isso não necessita de agressividade, de forma afetiva corrigi e faz a criança reconhecer seu erro.

Indagadas sobre se as crianças são seres sem limites ou se não têm os limites bem estabelecidos, as respostas foram:

-Eles sabem que as regras existem, só que não têm o esclarecimento dos pais sobre as regras e não são reforçadas em casa. Em casa eles têm uma regra ou não têm e na escola tem e são outras (LTSO).

-Não têm os limites bem estabelecidos. As famílias não estabelecem bem esses limites e acaba refletindo na escola. Toda criança consegue compreender limites, contanto que elas sejam respeitadas e os limites sejam colocados e sejam levados em consideração o porquê desses limites e não seja dado o "mau exemplo". Esses limites têm que estarem bem estabelecidos para que as crianças saibam o que fazer e tenham um parâmetro, se ela fizer ela tem uma consequência e se não fizer terá outra consequência. É importante que seja também construída a ideia de consequência, pois a criança não é um fantoche que os adultos mandam ela fazer e ela faz, ela é um ser que tem vontades, desejos e vai tentar quebrar essa regra, principalmente se essas regras forem diferentes das trabalhadas em casa (IOR).

De acordo com os depoimentos prestados pelas professoras é perceptível que as famílias não exercem suas funções como deveriam, dificultando o trabalho da escola e exercendo a função que deveria ser primariamente dela. Função a qual, defende-se aqui, é a função da educação voltada para o estabelecimento de regras de moral, princípios e limites. Sabemos que essa organização da educação formal mudou e, conforme defende Zeni(2012), as funções que antes eram da família, agora são desempenhadas pela escola já que em nossa sociedade, as crianças passam menos tempo com sua família e passaram a frequentar as escolas mais cedo e aos trabalhos feitos na escola não são dados continuidade em casa.

A função reguladora negligenciada ou pouco efetiva da família passa agora a ser exercida pela escola, porém é, contraditoriamente, dificultada pelas famílias, pois os trabalhos de professores em relação aos comportamentos dos alunos não são desenvolvidos em casa e nem colocados em prática, pois, em casa, tudo é liberado, minando o trabalho edificador e normativo dos professores na escola. Em consequência da dubiedade, as crianças desafiam os professores, elas respondem, testam de todas as formas as possibilidades de não cumprir com as

regras e combinados, já que muitas destas regras os impedem de fazer as coisas que querem no momento que querem. De maneira a cumprir o papel formativo da escola, o professor busca aplicar diversificadas maneiras de trabalhar essa função e cuidar de todos os conflitos existentes em sala de aula, ao tempo em que tenta construir uma parceria com a família para que haja um trabalho conjunto e contínuo em prol do desenvolvimento afetivo, cognitivo e social dos alunos sobre sua responsabilidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das observações e análise das respostas dos professores, foi percebido que as concepções de afetividades que as professoras têm são distintas uma da outra, o que pode afetar na relação cotidiana e na aprendizagem do aluno, pois se o indivíduo não tem bem estabelecido o conceito da afetividade e não conhece sua importância no processo de aprendizagem, torna difícil colocar em prática atitudes capazes de promover mudanças e fazer acontecer uma aprendizagem significativa para o aluno.

A afetividade acontece nos ambientes observados através de elogios, do toque na cabeça, chegar perto do aluno, além de moderar o tom de voz quando conversa com o aluno e, bem como, através do esclarecimento de dúvidas do aluno referentes aos conteúdos de aprendizagem expostos no cotidiano escolar.

Em relação ao toque corporal uma das professoras entrevistadas salienta que deve haver cautela, principalmente quando o vínculo afetivo está se iniciando e o professor ainda não conhece seu aluno, pois o aluno pode ter passado ou estar passando por alguma situação de abuso, já que esta é uma situação que vem crescendo muito em nossa sociedade.

Os alunos das escolas são afetivamente carentes, pois, de acordo com o relatado pelas respondentes da pesquisa, não gostam muito da proximidade, são agressivos quando o professor chega perto, não querem contato, se afastam, costumam rejeitar qualquer demonstração de afeto. Por não terem o afeto no lar muitas vezes a escola fica com esse papel e tenta de várias formas suprir essa necessidade, mas nem todos aceitam logo, é um processo lento de aproximação até

conseguir que eles aceitem e se acostumem com as expressões de afeto por parte dos professores e até mesmo dos outros membros da escola. Até se acostumar muitas vezes a criança se isola e esse isolamento acaba interferindo em sua aprendizagem, uma vez que a falta deste leva à não aceitação dos livros e a dificuldades na motivação do aluno.

Sobre a importância da afetividade no processo educativo, as professoras defendem que deve estar presente, pois se não houver a afetividade o aluno não vai gostar do professor e criará uma barreira para a aprendizagem dos conteúdos previstos no currículo escolar. Em suas colocações, as professoras, principalmente IOR, evidencia que o aluno deve ser pensado como um todo, e não como um mero objeto de aprendizado onde os conteúdos são depositados. Esta professora expressa uma visão contemporânea de educação do ser humano nos seus amplos aspectos e não apenas focando na cognição e reprodução dos conhecimentos dos conteúdos de ensino propostos.

Diante das análises evidenciadas a partir dos depoimentos obtidos dos sujeitos participantes da pesquisa, foi revelado que os limites e seu conceito devem estar bem definidos para não dificultar a instituição das normas e limites em sala e a compreensão dos alunos em relação ao tema, como também a colocação das regras para que assim, as crianças entendam que elas não podem fazer tudo que querem, que os ambientes têm regras e essas regras devem e precisam ser seguidas e respeitadas. Esses limites são dialogados com clareza, expostos com firmeza, e são explicados para que eles compreendam sua importância, bem como são cobrados todos os dias e de forma igual para todos, para que os alunos compreendam porque eles foram colocados e sigam as orientações das professoras.

A imposição e construção de limites fazem parte da educação para a vida em coletividade, compõem o processo civilizador de preparação do indivíduo para a vida. Esses limites não devem ser apenas impostos, devem ser explicados e compreendidos, mas isso não significa dizer que as crianças não tentarão infringi-los, muito pelo contrário, sempre que possível ela tentará ultrapassá-lo para testar as consequências do seu descumprimento. Quando isso acontece, nas turmas analisadas, as professoras mostram para a criança que ela o ultrapassou e faz com que ela compreenda que errou e que não pode tornar a acontecer. De forma afetiva, corrige e faz a criança reconhecer seu erro. Pois, segundo os relatos obtidos, o toque físico afetivo está presente no momento de correção, a criança deve perceber

o amor, o cuidado da outra pessoa, tornando assim mais fácil que a criança perceba que a atitude dela não foi adequada, lembrando-a das coisas boas que devem ser feitas para evitar a ação errada. Ela será corrigida, receberá a atenção necessária mesmo na hora da correção, sem a necessidade da adoção da agressividade como estratégia educativa.

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou verificar como são estabelecidos os limites em sala de aula e como a afetividade acontece de maneira a propiciar a aprendizagem do aluno, contribuindo para a sua formação humana. Percebeu-se que não existe um modelo a ser seguido para que as crianças aprendam, mas elas devem ser pensadas por inteiro, tanto seu aspecto cognitivo quanto o afetivo e o social.

Portanto essa pesquisa foi extremamente importante para a formação acadêmica da autora enquanto pedagoga, pois possibilitou ampliar o conhecimento sobre a temática e a importância que deve ser direcionada ao aspecto afetivo no desenvolvimento dos indivíduos, assim com suas contribuições para que a aprendizagem do aluno ocorra e flua da melhor maneira possível. Proporcionou também a compreensão sobre a edificação dos limites desde a educação infantil e a importância em construí-lo juntamente com os alunos, afinal quando eles compreendem o porquê das coisas que os rodeiam, eles vão, gradativamente, compreender como devem agir para que possam ter uma vida saudável em sociedade e, nós professores, precisamos dar suporte, lembrar, estar lado a lado, apoiando com afeto, com carinho, com amor, mostrando que sempre estaremos ali, auxiliando, dando o apoio que os alunos precisam nesta construção de princípios fundamentais que levamos para a vida toda, e que fazem toda a diferença em nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Milena A. Pedral Vanin de. **A dimensão afetiva nas práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental**. Araraquara, SP, 2014.

DE PAULA, Sandra Regina. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, nº1, volume 1, São Roque - SP, 2010.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014. Disponível em: <http://disciplina.nucleoad.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf>. Acessado em: 13 de abril de 2018.

LA TAILLE, Yves de. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. **Revista Nova Escola**, Edição nº 213, 01 junho, 2008. Disponível em: ><https://novaescola.org.br/conteudo/550/yves-de-la-taille-nossos-alunos-precisam-de-principios-e-nao-so-de-regras>> . Acesso em: 23 de fevereiro de 2018.

LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2000.

LOPES, Honorina Conceição Rozendo. **Limites e afetividade na opinião de pais e professores**. Três Cachoeiras, RS, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992

OLIVEIRA, Thaís Thomé Seni S. e; CALDANA, Regina Helena Lima. Educar é punir?: Concepções e práticas educativas de pais agressores. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, v.9, n.3, dez. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 fev. 2018.

PENITENTE, Luciana Aparecida de Araujo. Professores e pesquisa: da formação ao trabalho docente, uma tessitura possível. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente**, nº. 7, v. 04, P. 19-38, jul/Dez. Belo Horizonte, 2012.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. Novos paradigmas. São Paulo: Integreare, 2006.

ZENI, Talita Marchioro. **A construção de limites através dos vínculos afetivos.**
Ijuí, RS, 2012

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, _____,
acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA,
orientada pela Prof. (a) _____ e Dr. (a) _____,
_____, declaro para os devidos fins
que o Trabalho de Conclusão de Curso:

_____, atende às
normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento
para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem
e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/____/2018.

Assinatura da aluna concluinte